

Relações de gênero e tecnologia: uma abordagem teórica¹

Marília Gomes de Carvalho

|

As diferenças entre homens e mulheres passaram a ser mais sistematicamente pensadas a partir do feminismo na década de 60. Naquele momento os atores deste movimento chamavam a atenção para as desigualdades que existiam entre os sexos e, ao mesmo tempo, reivindicavam direitos e posições iguais para homens e mulheres na sociedade. A ênfase era dada às diferenças biológicas entre os atores sociais, chamadas de diferenças de sexo. À medida que os aspectos masculinos e femininos eram tratados, não apenas como diferenças biológicas, mas sim diferenças construídas socialmente, ou seja, a partir da sua desnaturalização, o termo gênero passou a ser mais indicado como forma de enfatizar a influência da cultura na construção dessas diferenças que têm por base características biológicas.

Assim, homens e mulheres passaram a ser vistos como seres que não nascem com seus papéis e regras de comportamento impressos em seus códigos genéticos, mas sim como pessoas que aprendem, através da vida social, aquilo que é mais indicado e socialmente aprovado fazer, acreditar, realizar, enfim, ser, de acordo com o código

¹ As idéias apresentadas neste capítulo são resultado de leituras e discussões entre a autora e os alunos que compõem o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

cultural de seu meio social. Desta forma, não há um único padrão de comportamento para os homens e outro para as mulheres, mas tantos quantos forem o número de sociedades ou de situações vividas.

A etnografia é rica de exemplos de grupos distintos que mostram que atividades masculinas numa sociedade podem representar papel da mulher em outra, ou vice-versa. Há grupos tribais onde a lavoura corresponde a uma atividade feminina enquanto no meio rural brasileiro, por exemplo, é tarefa primordialmente masculina. Para alguns povos a cerâmica é trabalho feminino e para outros é atividade dos homens, e assim por diante. Historicamente também ocorre alteração de padrões masculinos e femininos, o que revela a dinamicidade dessa dimensão da cultura. A vida de homens e mulheres do início do século XX foi bastante diferente da atual como, por exemplo, seus costumes, papéis sociais, regras de comportamento e tipos de trabalhos definidos como masculinos e femininos. A perspectiva histórica e cultural permite perceber que as diferenças de gênero não são definitivas nem estáticas. Elas se transformam, não só de acordo com o processo histórico, mas também na medida em que as necessidades sociais assim impõem.

Uma das abordagens que interpreta as diferenças de gênero como parte da cultura enfatiza a dicotomia masculino/feminino. Assim, diante do modelo da sociedade ocidental moderna, ao homem corresponderia o papel instrumental de provedor da família, enquanto à mulher o papel expressivo de responsabilidade pelo bem estar emocional da família. De acordo com estes papéis, o homem teria sua vida voltada para a esfera pública da sociedade, em que exerceria seu trabalho remunerado e a mulher estaria limitada à esfera privada, onde cuidaria das atividades domésticas e dos filhos. (Parsons, 1960; Carvalho, 1992)

Conseqüentemente, o homem aprende a desenvolver características psicológicas correspondentes às suas atividades no mundo público que se manifestariam por meio do pensamento racional, agressividade, assertividade e segurança. As mulheres, por outro lado, tendo em vista suas tarefas domésticas e cuidados com as crianças na esfera privada, deveriam desenvolver mais a afetividade do que os homens e por isso aprendem a ser amorosas, delicadas e pacientes. (Parsons, 1960)

Esta dicotomia engloba todos os homens num determinado modelo de masculinidade e todas as mulheres em outro, de feminilidade, o que dificulta a percepção da diversidade possível nas manifestações de gênero. Constrói estereótipos que não permitem a homens e mulheres apresentarem características diferentes daquelas “programadas” para seu gênero, resultando na discriminação dos homens e mulheres que não possuem as qualidades socialmente esperadas ou que demonstram tendências a se identificar mais com os traços de personalidade do sexo oposto (Costa, 1994).

Cabe ressaltar que, da forma como os modelos masculino/feminino estão colocados na sociedade, eles não manifestam apenas uma diferença, mas reafirmam uma desigualdade, pois os papéis e as características da personalidade masculina são mais valorizados socialmente, tendo em vista que a atividade instrumental é considerada mais importante porque produz riqueza material e rende dinheiro, do que as atividades expressivas de cuidar da casa e dos filhos (Carvalho, 1992).

O enfoque de gênero dicotomizado, tal como se manifesta em nossa sociedade, coloca em oposição homens e mulheres e cria um sentimento de competição entre eles, o que tem levado a conflitos e dificuldades nas relações sociais. Esta oposição e competição foram reforçadas pelo movimento feminista que, ao buscar a igualdade, algumas vezes reproduziu uma relação de poder ao inverso, impedindo avançar no objetivo almejado. Por outro lado, ao acentuar a oposição e dominação entre homens e mulheres, a ênfase apenas na dicotomia masculino/feminino deixa de considerar outras relações de poder, igualmente discriminatórias, tais como classe, cor, etnia, religião, dentre outras que perpassam as relações sociais tanto quanto as desigualdades de gênero (Costa, 1994; Pierucci, 2000).

Dessa forma, para se compreender as relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e das mulheres entre si, é preciso perceber que os homens não são todos iguais, assim como também há diferenças entre as mulheres. Sob o ponto de vista das relações de poder, por exemplo, sabe-se que elas não ocorrem somente entre

homens e mulheres, mas também há casos de homens que são dominados por mulheres, há mulheres que exercem dominação sobre outras mulheres assim como há homens que dominam outros homens. Há casos ainda em que numa determinada situação a relação de poder se estabelece e em outras a relação é igualitária. Por exemplo, uma mulher pode ser dominada e discriminada em seu ambiente de trabalho e contrariamente desfrutar de relações de igualdade ou mesmo exercer poder sobre outros homens de sua família em seu ambiente doméstico. O mesmo pode acontecer com homens que ora são dominados por mulheres e ora as dominam de acordo com as diferentes situações vividas e os diversos atores sociais com quem se relacionam.

A diversidade de possibilidades de manifestação nas relações de gênero e o cruzamento com outros fatores de diferenciação, que interferem nas relações sociais em geral, levaram a outras formas de explicação para as questões de gênero que não se limitam apenas na dicotomia masculino/feminino, mas que dependem da compreensão de situações e relações sociais específicas. Esta abordagem relacional revela-se mais indicada para se entender e explicar a complexidade que envolve as relações entre homens e mulheres na atualidade (Costa, 1994; Scott, 1995).

Por meio desta abordagem é possível perceber que existe uma pluralidade de modelos, vozes e significados que envolvem as relações de gênero. A sua compreensão, portanto, não é possível através de modelos únicos de masculino ou feminino, previamente estabelecidos, mas a partir de uma postura teórica que considere esta polifonia e polissemia.

A perspectiva relacional direciona o foco da análise de gênero para as relações entre homens e mulheres e não para a oposição entre eles. Assim, não é mais possível falar em gênero apenas como sinônimo de mulher, como se vê em estudos feministas mais tradicionais, mas, mesmo quando o objeto de estudo for a mulher, a abordagem relacional permite perceber que sua vida social é construída na interação entre pessoas que vivem situações e posições diferentes na sociedade sejam de classe, raça, religião, etnia, profissão, gênero e muitas outras (Simião, 2000).

Para que se possa conhecer essas diferentes manifestações das relações de gênero, torna-se necessária a realização de pesquisas que desvendem suas especificidades a partir das relações sociais concretas que as pessoas estabelecem em sua vida cotidiana. Estudos empíricos sobre relações de gênero e sua interpretação vêm mostrando a riqueza de possibilidades de interpretação desta questão.² Segundo Scott (1995), gênero passa a ser uma útil categoria de análise histórica que permite melhor compreender as relações que se estabelecem na sociedade em seus mais diferentes âmbitos.

É dentro deste contexto que se considera importante a realização de estudos e pesquisas sobre relações de gênero e tecnologia, pois vive-se hoje numa sociedade tecnológica que está rodeada e permeada pelo desenvolvimento de técnicas que interferem direta e definitivamente na vida humana. Antes de apontar as possibilidades de pesquisa nesta área torna-se relevante explicitar a noção de tecnologia que orienta os trabalhos aqui apresentados.

II

Tecnologia possui aqui um significado mais amplo e profundo do que aquele encontrado no senso comum que a interpreta ou como um conjunto de técnicas presentes nos equipamentos e máquinas necessários à produção, ou simplesmente como os artefatos que representam a materialização do conhecimento tecnológico.

Há concepções de tecnologia que a limitam à esfera da engenharia e da economia, dando-lhe um caráter estritamente instrumental. Isto significa que tecnologia é vista apenas como o elemento que, se incorporado à produção, irá otimizá-la, aumentando a produtividade das empresas e proporcionando a acumulação ampliada do capital. Empresas que desenvolvem tecnologias cada vez mais avançadas tornam-se, portanto competitivas, com condições de enfrentar um mercado cada vez mais seletivo. Esta visão instrumental da tecnologia está presente especialmente nos dias de hoje quando a competição é internacional, e o desenvolvimento tecnológico representa o fator diferenciador de competitividade. É um conceito que está presente

² Trabalhos de Hirata (1997; 1998), Segnini (1997), Lopes (1998) apenas para citar alguns, são exemplos destas possibilidades.

inclusive nos órgãos governamentais, instituições de pesquisa e ensino que incentivam o desenvolvimento tecnológico com o objetivo de proporcionar às empresas nacionais as condições necessárias para vencer as dificuldades do mercado.

A fim de alcançar um desenvolvimento tecnológico cada vez mais rápido e eficaz, houve uma incorporação crescente do conhecimento científico à tecnologia. Vargas (1994) diz que tecnologia é a aplicação de conhecimentos científicos. Sem deixar de considerar que na sociedade em que se vive hoje o conhecimento científico é essencial para o desenvolvimento tecnológico, propõe-se ampliar esta concepção para inserir outras dimensões que nem sempre são consideradas quando se fala em tecnologia. O sentido proposto aqui para o termo tecnologia extrapola, portanto, a mera instrumentalidade que a vê direcionada apenas para o mercado, para considerá-la mais profundamente, levando em conta todas as dimensões que estão, implícita ou explicitamente, presentes em sua produção.

Para dar conta da verdadeira amplitude que envolve o fenômeno tecnológico é preciso concebê-lo como uma realização humana que se dá em situações sociais concretas e específicas. Qualquer atividade desenvolvida por seres humanos pressupõe a existência da cultura como um ingrediente essencial de sua existência. Faz parte da cultura o conhecimento que implica em técnicas que são socialmente produzidas e compartilhadas, sejam elas altamente sofisticadas como as que existem hoje, sejam as mais simples como as que marcam os primórdios da humanidade. Assim, a tecnologia perpassa todas as formações sociais porque na produção das condições materiais de vida, necessárias a qualquer sociedade, é imprescindível a criação, apropriação e manipulação de técnicas que carregam em si elementos culturais, políticos, religiosos e econômicos constituintes da existência social. A tecnologia está assim intrinsecamente presente tanto numa enxada quanto num computador e, a partir dessa ótica, pode ser vista como o estudo das técnicas utilizadas para fazer e fabricar as coisas (Buchanan, 1994), ou, segundo Gama (1991), a tecnologia moderna é a ciência do trabalho produtivo.

Portanto, é na vida social em seu conjunto que se deve buscar os nexos explicativos para os fenômenos tecnológicos que estão presentes

em todas as sociedades. Tecnologia, neste sentido, consiste em explicar como as técnicas surgem e se desenvolvem, como se dão suas ramificações, suas inter-relações, e as razões de sua superação. Tecnologia consiste na compreensão das técnicas dentro do contexto de seu desenvolvimento social. Nesta perspectiva a tecnologia corresponde a um estudo social e humanístico porque lida com formas sociais específicas de comportamento. É também um estudo histórico quando a preocupação é mostrar as mudanças que ocorreram nas técnicas e seu desenvolvimento no decorrer do tempo. Pode-se dizer que a história da tecnologia abarca toda a história da humanidade, pois a tecnologia não é apenas produto da sociedade industrial moderna (Buchanan, 1994).

Por mais que as técnicas de hoje estejam calcadas nos procedimentos das ciências, elas não constituem um sistema independente. Não se pode esquecer do elemento cultural que direciona os objetivos da técnica para o bem ou para o mal de acordo com os grupos que a exploram. A máquina por si só não tem exigências nem objetivos definidos. São os seres humanos que, de acordo com suas exigências, estabelecem as finalidades para as técnicas. Interpretada como um produto da inteligência humana e de seu esforço, a máquina é também um meio para entender a sociedade e para conhecermos a nós mesmos, pois o mundo da técnica não está isolado nem é autônomo (Munford, 1982).

Bastos (1998), considera a tecnologia como a capacidade humana de perceber, compreender, criar, adaptar, organizar e produzir insumos, produtos e serviços. Nesse sentido, ela transcende a dimensão puramente técnica e incorpora outros elementos da vida social, o que a torna um vetor de expressão da cultura das sociedades. A compreensão da tecnologia como uma dimensão sociocultural na qual ela é gestada, permite considerá-la como um elemento fundante da sociedade, mas não determinante. A tecnologia é parte da cultura e deve ser compreendida em sua interconexão com outros elementos culturais.

Vimos que as relações de gênero também são construções culturais e como tal devem ser interpretadas. Considerando que tecnologia também está imbricada na cultura, as relações entre gênero e tecnologia tornam-se um fecundo objeto de estudo sobre as relações sociais em seu sentido mais amplo.

A inclusão da categoria gênero em estudos que tratam de tecnologia permite entender uma dimensão que esteve por muito tempo oculta nas abordagens sobre o tema. Enquanto objeto recente de pesquisa, as relações de gênero em suas conexões com a tecnologia trazem explicações até então desconhecidas ou desconsideradas na compreensão do desenvolvimento tecnológico e da própria sociedade.

Ciência e tecnologia foram por muito tempo vistas como atividades masculinas, mantendo assim uma quase total invisibilidade das mulheres neste domínio³. Como o desenvolvimento das técnicas produtivas foi dominado pelos homens, em função da distribuição de papéis entre homens e mulheres na constituição da sociedade industrial, as mulheres ficaram, pelo menos nas representações sociais, ausentes das atividades que produzem inovações tecnológicas. As relações de gênero estão permeadas por relações de poder que levaram à discriminação das mulheres não só das atividades geradoras do conhecimento técnico, mas também a uma ideologia que vem, através das mais variadas formas discriminatórias, excluindo-as deste processo.

Entretanto a ausência de referências à participação feminina no processo de produção científica e tecnológica não significa que as mulheres estivessem fora deste cenário, elas estão nele inseridas de forma peculiar, o que por si só representa objeto de estudo. É preciso resgatar estudos históricos que abordem como foi o desempenho das mulheres neste processo, pois se estamos considerando que a tecnologia é produzida dentro de uma sociedade específica, vinculada a outras relações sociais e à cultura, certamente as mulheres tiveram participação na produção, apropriação e utilização de técnicas, tendo em vista que elas são também sujeitos sociais.

As transformações tecnológicas que vêm ocorrendo hoje exigem uma compreensão mais profunda de como a tecnologia está inserida nas diferentes dimensões da sociedade. Estudos e pesquisas sobre as imbricações das relações de gênero com a tecnologia e o desvendamento das especificidades de gênero na produção e

³ Trabalhos de Hirata (1997; 1998), Segnini (1997), Lopes (1998) apenas para citar alguns, são exemplos destas possibilidades.

apropriação do conhecimento tecnológico tal como se manifestam em realidades sociais concretas representam uma fonte de conhecimento inesgotável para abordagens que pretendem associar tecnologia e humanismo.

IV

Foi com este interesse que um grupo de professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE), do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR), criou o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia que tem por objetivo desenvolver estudos e pesquisas sobre a temática “Relações de Gênero e Tecnologia”. Outros objetivos do grupo são a viabilização de discussões sobre o tema, através da promoção de encontros, palestras, reuniões, seminários, conferências e workshops; a divulgação de resultados das pesquisas e dos estudos desenvolvidos no âmbito do grupo por meio da participação em eventos e publicações; o estabelecimento de intercâmbio com outras instituições (públicas, privadas, nacionais e internacionais) interessadas nesta temática; e a criação de um banco de dados constituído de estudos e pesquisas sobre gênero e tecnologia.

Compreender as relações entre gênero e tecnologia tem sido preocupação e interesse também de outras instituições acadêmicas dentro e fora do País. Nota-se hoje um número crescente de pesquisas sobre esse assunto.⁴ O interesse está ligado à participação cada vez mais efetiva das mulheres em todas as esferas da produção e às mudanças sociais decorrentes desse processo.

Os capítulos que compõem esta coletânea foram elaborados por alunos do PPGTE, a partir de pesquisas realizadas em sua maioria sob a orientação da signatária, sendo algumas parte de suas dissertações de mestrado. A unidade dos trabalhos reside numa interpretação direcionada para relações de gênero e tecnologia, sob a perspectiva relacional de gênero e um enfoque mais abrangente de tecnologia, para além da instrumentalidade.

⁴ Ver, por exemplo, os trabalhos de HOROWITZ, R. & MOHUN,A., 1998; LERMAN, N. MOHUN, A. & OLDENZIEL, R. 1997; APPLETON, H. (Ed.) 1995; MUNDER, I., 2002.

O artigo de Maria Lúcia Büher Machado foi orientado pelo professor Dr. Gilson Leandro Queluz, do PPGTE, e trata de uma pesquisa em documentos da CBAI (Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial) que, de 1946 a 1962, manteve um acordo com o governo federal brasileiro para um programa de cooperação educacional. Os documentos analisados por ela evidenciam as concepções de gênero da época e os cursos técnico-profissionais que eram diferenciadamente ofertados para alunos e alunas.

O trabalho de Nanci Stancki Silva traz resultados de uma pesquisa realizada no CEFET-PR entre alunos(as) formandos(as) do Ensino Técnico dos cursos de Desenho Industrial, em que a maioria de alunos(as) pertence ao gênero feminino, e Mecânica, um curso reconhecidamente masculino. A partir de um recorte de gênero a Autora investigou suas representações a respeito de seus respectivos cursos e quais as suas expectativas profissionais,

Maria de Lourdes Tomio Stein fez pesquisa com mulheres trabalhadoras de três empresas do setor eletroeletrônico da Região Metropolitana de Curitiba, e investigou como estas mulheres estão inseridas num mercado de trabalho cuja reestruturação produtiva vem alterando as relações de trabalho. Há atividades que são realizadas mais adequadamente por mulheres em função de certas especificidades técnicas. O seu estudo desvenda como se dá a incorporação da força de trabalho feminina nestas tarefas.

O artigo de Lindamir Muller, Nádia Terezinha Covolan e Teresa Cristina Nascimento foi resultado de um projeto mais amplo do PPGTE intitulado “Produção e Apropriação do Conhecimento Tecnológico”. A pesquisa foi feita entre mulheres que trabalham no setor informal, em seus pequenos empreendimentos na área de confecções na Região Metropolitana de Curitiba. Os resultados mostram de que forma essas mulheres utilizam o conhecimento técnico adquirido através de seu processo de socialização e experiência no trabalho doméstico, identificado pelas Autoras como um conhecimento tácito, para buscar soluções ao problema de sobrevivência de suas famílias.

O trabalho de Ronaldo de Oliveira Corrêa trata de uma situação diferenciada dos outros, porque a pesquisa foi realizada no interior do Estado da Bahia com artesãos que trabalham a cerâmica, utilizando

técnicas que aprenderam com seus ancestrais. Através das fotografias o Autor mostra como as relações de gênero tomam significado, papéis e funções próprios de acordo com as necessidades da vida cotidiana das pessoas, podendo-se, através deste estudo exploratório relativizar a conhecida rigidez das relações tradicionais de gênero no interior do País.

Por outro lado, o trabalho de Tatiana de Trotta e Sonia Ana Leszczynski foi buscar exatamente aquilo que é padrão nas representações das relações de gênero nas propagandas da televisão por ocasião do Dia das Mães e do Dia dos Pais. Em que pese a possibilidade das pessoas nem sempre reproduzirem esses padrões em seu dia-a-dia, essa pesquisa revelou que a televisão apresenta modelos tradicionais para a mãe e para o pai claramente demarcados pelas propagandas e analisados neste capítulo por meio das ilustrações e sua descrição.

O uso de computadores e internet trouxe uma nova reflexão quanto às relações de gênero e a tecnologia. Cristina Tavares da Costa Rocha analisa em sua pesquisa junto aos Faróis do Saber informatizados da cidade de Curitiba, qual é o significado que os usuários dão a essa tecnologia no sentido do próprio aparelho, do conhecimento de seu funcionamento e de sua utilização. Fazendo o recorte de gênero, seus resultados levantam uma questão interessante: o desempenho na utilização do computador e a exploração de suas possibilidades independe do gênero do usuário, desmistificando a idéia de que os homens supostamente lidam melhor com esses aparelhos técnicos.

Finalmente, no último capítulo, Nádia Terezinha Covolan traz parte do tema de sua dissertação de Mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Ademar Heemann, ressaltando a importância de se considerar as alteridades femininas numa proposta da bioética. Mostra como uma das correntes de inspiração feminista em bioética, partindo das desigualdades de gênero, contempla o Outro.

Essa coletânea, caracterizada pela pluralidade da formação profissional dos autores, reflete o caráter interdisciplinar na abordagem dos diferentes temas de estudo, o que se constitui num esforço peculiar do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

A diversidade de temas aqui apresentados mostra a riqueza desse campo de estudo e a importância da realização de pesquisas empíricas que ampliem o conhecimento sobre relações de gênero e tecnologia para que assim seja possível sair dos esquemas rígidos de interpretação dos fenômenos relativos à tecnologia que muitas vezes revelam-se limitados, reducionistas e discriminatórios.

Referências Bibliográficas

- APPLETON, H. **Do it herself: Women and technical innovation.** London: Intermediate Technology Publications, 1995.
- BASTOS, J.A.S.L.A. **Tecnologia & Interação.** Curitiba: CEFET-PR, 1998.
- BUCHANAN, R. A. **The power of the machine.** New York, Penguin Books, 1994
- CADERNOS PAGU. **Genero, tecnologia e ciência.** Nucleos de Estudo de Genero: UNICAMP, Campinas, SP, (10) , 1998.
- CARVALHO, M. G. **As vicissitudes da família na sociedade moderna: estudo sobre o casamento e as relações familiares.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. S.P,1992.
- COSTA, C. L. **O leito de Prousto: gênero, linguagem e as teorias feministas.** Cadernos Pagu. n. 2, Campinas, 1994.
- GAMA, R. **A História da técnica e da tecnologia.** SP.: UNESP, 1991.
- HIRATA, H. **Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero.** In: Revista latino-americana de estudos do trabalho: gênero, tecnologia e trabalho. S.P.; R.J.: ALAST, ano 4. no. 7, 1998
- **Globalização, trabalho e tecnologias: uma perspectiva de gênero.** Presença da mulher, S.P.: Anita Garibaldi. n. 30, dez,1997.
- HOROWITZ, R. and MOHUN, A. **His and hers: hender, consumption, and technology.** U.S.A. The University Press of Virginia, 1998.
- LERMAN, N.; MOHUN, A. & OLDENZIEL, R. **Versatile tools: analysis and the history of technology.** Technology and Culture, (38), 1, 1997.
- LOPES, Margaret. **Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil.** Cadernos Pagu (10), 1998, pp.345-368.

- MUNDER, I. Qualification and employment opportunities for women in the German information and communication technologies sector. **Integrating regional and global Initiatives in the learning society.** Proceedings of the 6th International Conference on Technology Policy and Innovation. Kansai, Japan, 2002.
- MUNFORD, L. **Técnica y civilizacion.** Madrid. Alianza, 1982.
- PARSONS, T. & BALES, R. **Family, socialization and interaction process.** USA: The Free Press, 1960.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença.** São Paulo: 34, 2000.
- SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Aspectos culturais nas relações de gênero e a questão da produtividade em tempo de trabalho flexível e qualidade total. In: MOTTA, Fernando C. Prestes; Caldas, Miguel P. (orgs). **Cultura organizacional e cultura brasileira.** São Paulo: Atlas, 1997.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade: gênero e educação.** Porto Alegre. v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.
- SIMIÃO, D. **O pulo do sapo: gênero e a conquista da cidadania em grupos populares.** Curitiba. Expoente, 2000.
- VARGAS, M. **Para uma filosofia da tecnologia.** SP: Alfa-Omega, 1994.